

PARA O FIM DO TEMPO



Aldeia-ressonância : Quinteto para o fim do tempo *
Instalação : Joana Sá

PARA O FIM DO TEMPO

Pode mesmo a arte transformar o mundo?
A pergunta parasita uma outra (...) a que Marx respondeu afirmando que é tempo, para a filosofia, de parar de interpretar e de passar a transformar o mundo. Mas, se calhar, em tempos tão acelerados e em que a transformação e a novidade são incessantes, mais valesse parar e interpretar. Nesse caso, o ato verdadeiramente transformador seria questionar a própria ideia de transformação e trazer de volta a interpretação.

André Barata in *A ideia é nossa!*, org. André Barata, André E. Teodósio, José Maria Vieira Mendes, ed. Sistema Solar / Teatro Praga, 2023.

Durante os confinamentos da pandemia, em 2020, iniciei uma prática musical 'silenciosa'. Ela surgiu em contraponto à febre de concertos livestream que, a todo custo, pareciam querer preencher o silêncio ensurdecido ao qual o mundo tinha sido submetido. Não tinha vontade criativa nenhuma, zero vontade de ouvir colegas a tocar fechados em casa no meu écran, na minha sala. Cada tentativa musical criada para tornar o mundo menos deprimente, surgia-me como mais deprimente ainda.

Porque o silêncio inquietante estava lá, procurava impor-se, fazer-se ouvir, escutar silêncio espesso, opaco, espaço-tempo dilatado, dilacerado, mortes que não podiam ser veladas, acompanhadas, vidas que lutavam e arriscavam enquanto outras

Inventei então uma prática musical 'silenciosa'. Peguei nas Variações Goldberg BWV 988 de J. S. Bach e no mito por detrás delas: composta para as noites sem dormir do conde Kaiserling e para o cravista Johann Gottlieb Goldberg que as tocava noite dentro, as variações não parecem ter propriamente a função de embalar ou apaziguar as noites do conde enfermo. Antes parecem assumir a inquietação e uma certa impossibilidade de apaziguamento. E, paradoxalmente, nesse processo musical, algo transformador acontece.

Peguei na partitura da ária, mas não a toquei, não a interpretei ou 'performed' da forma que seria 'mais expectável'. Antes voltei a uma prática musical muito comum da época de Bach - a da transcrição, a da cópia - e encarei-a como uma prática performativa de agora. Copiei a ária para um papel vegetal que coloquei sobre um papel pautado. Não me lembro se já tinha um propósito ou objetivo específico nessa altura, mas depois de retirado o papel pautado debaixo do papel vegetal, a referência da pauta desaparecia, tornando a leitura impossível. E isso, a mim que tenho colocado em questão o papel da escrita na criação musical, era 'aquilo' que me interessava.

A minha performance da ária era esse acto 'silencioso', mas tocante: dedos no papel, caneta inscrevendo/excrevendo a dor, dedos de a transcrever, som do encontro de papel, dedos, caneta, nenhum piano. E comecei a fazer variações, que eram sobretudo variações que escolhiam, usavam, jogavam ou omitiam parâmetros visuais da escrita musical num processo que desconstruía a sua funcionalidade de representação do som. A escrita assim desconstruída, dilatada, dilacerada, tornava-se, ela mesma, objeto sonoro, silêncio espesso e ensurdecido. Escrever tornava-se acto de lidar com esse som directamente, esculpi-lo com as mãos, dedos, através da recuperação da prática centenária da transcrição ou da cópia, mas também do que ela implica - o erro, o desvanecimento, a decomposição material - e o que dela fica - a transcrição/cópia enquanto vestígio, ressonância, elemento incompleto de uma ideia musical. Esta prática de inscrição no papel não era aqui uma forma de representação da música, era música mesmo, performatividade.

Não acabei este processo na pandemia, apesar de achar que queria acabar um ciclo com o mesmo número das 30 variações das de J.S. Bach. As variações foram ficando em suspensão. Quando a Terceira Pessoa me convidou a fazer um trabalho 'para uma aldeia abandonada', a aldeia da Azinheira, e depois de a visitar e nela me deslumbrar, voltei a lembrar-me delas, das variações.

Ficha técnica:

A instalação é composta por três elementos que ressoam entre si:

- I. Miniaturas sonoras difundidas por 5 cornetas (e canais independentes) dispersas pela aldeia da Azinheira;
- II. Selecção de "Variações sobre Variações Goldberg (inscrição sonora)", casinha junto ao forno comunitário da Azinheira;
- III. Manifesto 'Para o fim do tempo'.

Texto, música/som, inscrição sonora .. **Joana Sá**

Design .. **Ana Viana**

O dispositivo técnico da instalação de 5 cornetas e caixas de luz foi concebido no âmbito do trabalho do coletivo à escuta: com **Luís J Martins** e foi cedido pelo mesmo coletivo.

* O título é também uma evocação da obra "Quarteto para o fim do tempo" de **Olivier Messian**, estreada no campo de concentração nazi Stalag VIII A em 1941.

Agradecimentos:

Luís J Martins, Ana Viana, Óscar Silva, Tamara Cruz

à escuta:

Porque na pandemia fizeram-se promessas de que a 'paragem do mundo' iria servir para nos colocarmos em perspectiva, a nós, às nossas prioridades e modos de vida, que esta paragem era uma oportunidade para recomeçarmos de novo, de forma diferente, tempo diferente.

O mundo 'recomeçou', de facto, mas a única diferença, no que diz respeito ao tempo, é que o tempo de aceleração em que vivíamos parece ter acelerado ainda mais...

Poderíamos ter usado o tempo de paragem do mundo...

Poderíamos ter usado o tempo de paragem do mundo para, em vez de querermos preencher cada vazio com som, em vez de querermos soar sempre, massivamente, ruidosamente, experimentarmos também, para variar, fazer ressoar o vazio...

Poderíamos ter usado o tempo de paragem do mundo para assumirmos, tal como nessa 'ideia' das Variações Goldberg, a inquietação de um mundo interdependente, que não é imune ou intocável, ao contrário da selfie, imagem fixa, imutável e tendencialmente glamorosa que a nossa sociedade e cultura ocidental dele construiu.

Poderíamos ter usado o tempo de paragem para assumirmos a metaestabilidade do mundo e de nós próprios, pormos em prática a escuta, a empatia e o ressoar com x outrs.

Poderíamos ter usado o tempo para fazer ressoar o silêncio inquietante e nesse processo encontrar um potencial transformador que fizesse parar o tempo de aceleração, aprisionante.

Poderíamos ter usado o tempo para decretar que o tempo não deveria ter de ser usado sempre e constantemente:

Poderíamos assim não usar o tempo, decretando o fim do tempo produtivo, capitalizado, preenchido, calendarizado.

Poderíamos não usar o tempo para sentir crescer outros sentidos e formas de tempo, sentindo-o como espaço ressoante dos nossos corpos-territórios, territórios-corpos espraiando, dilatando, vibrando.

Poderíamos não usar o tempo para perceber que usar o tempo deveria ser uma decisão individual e/ou coletiva e não uma imposição de um sistema sem rosto, sem nenhum relacionamento de afeto para com os nossos corpos-territórios, territórios-corpos, entretanto minguantes.

Poderíamos não usar o tempo para sentir na pele que ele nos foi extraído e decretar que 'corpo-território/território-corpo' não podem ser abarcados pela palavra 'recurso' e que 'extracção' não pode ser 'a' relação.

Poderíamos não usar o tempo, sentindo-o apenas e plenamente como espaço de encontro, vivência de corpos-territórios, territórios-corpos, criando comunidades alargadas aos outrs - abraçando bosques, minerais, rios, matéria orgânica e fluindo em laços afectivos efectivos, sabendo-nos a todxs migrantes de um qualquer tempo

Poderíamos usar ou não usar o tempo, conforme a decisão, para criar dinâmicas comunitárias que assumissem a vulnerabilidade da interdependência para criar novas e potentes formas de resiliência, de vivência e amor ao próximo e ao distante.

Poderíamos usar ou não usar o tempo, conforme a decisão, para criar democracias polifónicas, alimentadas a sonho-imaginação-criatividade democracias abertas à experimentação e à transformação com raízes profundas no conhecimento do passado/ e na vivência plena do presente Democracias sónicas alimentadas pela possibilidade de o silêncio ressoar

oar
ar

r

e não
pelo silenciamento

Cada vez mais sem tempo
de pensar, de parar, de nos encontrar
de nos organizar
surge
não por acaso
/a par da ascensão global da extrema direita
/ não por acaso
/ a par de um genocídio em directo nos telemóveis
da maior crise ecológica
de todos os tempos

sem tempo
de pensar, parar, encontrar
organizar
não há possibilidade real de
democratizar
dias dentro-fora
noites

e isso tem muito a quem
interessar

E então,
deleitando-me aqui numa
tarde sem tempo
aqui -
nesta aldeia-ressonância
suspensa no tempo,
vestígio
de uma forma de viver que
tende a não mais
existir -
pensei: já que
o mundo parou,
e não usámos esse tempo
para dar desuso ao tempo
talvez a ressonância-aldeia
aqui suspensa -
passado-presente-futuro
- este encontro em suspensão de aldeia
nos faça ressoar a nós
umes com outres, outres com umes

e, paradoxalmente, nesse processo vibrante,
de corpos espraiando,
re-soando

algo transformador
se tece

Joana Sá

